# **CAPÍTULO 4.2.**

# As artes e os artesanatos como lugares de memória e de acolhimento para migrantes e refugiados

Art and craft as places of memory and welcoming for migrants and refugees

Mônica Peralli BROTI207.)

#### Resumo

O artigo visa a uma reflexão teórica-metodológica sobre as linguagens artísticas como espaços de possibilidades aos migrantes e refugiados internacionais de acesso ao trabalho, de geração autônoma de renda e do reconhecimento da pluralidade de identidades culturais no país de acolhimento. Reconhecer a inclusão do deslocado no mercado de trabalho para pensar o indivíduo livre e autônomo, implica também refletir a viabilidade de acesso à sociedade salarial. Na análise proposta, o emprego do procedimento etnográfico como forma de compreender a relevância das manifestações artísticas para o deslocado, integrado à análise de autores como Nancy Fraser (2006) e Charles Taylor (1994), foi fundamental. O espaço que a arte propicia não irá reparar os desafios da trajetória do deslocamento, mas ela contribui para que migrantes e refugiados se encaminhem no sentido de experiências de autoconfiança, de autorrespeito e de reconhecimento no país de asilo.

Palavras-chave: arte, artesanato, reconhecimento, deslocamento, inclusão.

## **Abstract**

The paper aims at a theoretical-methodological reflection on artistic languages as spaces of possibilities for international migrants and refugees to access work, autonomous generation of income and recognition of the plurality of cultural identities in the host country. Recognizing the inclusion of the displaced in the labor market to consider the individual as free and autonomous also implies the reflection on the feasibility of accessing a wage society. In the proposed analysis, the use of the ethnographic procedure as a way to understand the relevance of artistic manifestations for the displaced, integrated with the analysis of authors such as Nancy Fraser (2006) and Charles Taylor (1994), was fundamental. The space that art provides will not repair the challenges inherent to the displacement trajectory, but it does contribute for migrants and refugees to move towards experiences of self-confidence, self-respect, and recognition in the country of asylum.

Keywords: art, craft, recognition, displacement, inclusion.

<sup>&</sup>lt;sup>207)</sup> Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Humanas e Sociais, Brasil. E-mail: brotimonica(at)gmail(dot)com



## 1. Introdução

O expressivo fenômeno dos fluxos migratórios internacionais, hoje, constitui um contributo importante às discussões e às ações políticas afirmativas voltadas ao reconhecimento das diferenças culturais e da inserção e da permanência dos grupos de deslocados no mercado de trabalho e nas atividades de geração autônoma de renda nos países de acolhimento.

No que respeita a necessidade de existir uma política de reconhecimento da pluralidade de identidades étnicas, religiosas, raciais ou sexuais se tornou uma das reivindicações de igualdade entre indivíduos nacionais ou estrangeiros para a possibilidade de haver uma cidadania democrática de liberdade, de oportunidades e de responsabilidades para todos. Enquanto a ocupação do migrante<sup>208.</sup>) e do refugiado<sup>209.</sup>) estrangeiro nas organizações de trabalho é primordial para que essa identidade deslocada possa assegurar a autonomia individual, a autoconfiança e o autorrespeito.

Ser migrante, por muitas vezes, não é uma opção ou uma escolha voluntária de vida. Em um mundo cada vez mais marcado pelos conflitos armados, perseguições relacionadas às questões de raça, de gênero, de ideologias políticas, de instabilidade das situações de trabalho e de pobreza, pessoas são obrigadas a procurar refúgio em um novo país para preservar sua vida e garantir os seus direitos. Acolhido no país de asilo, o migrante submete-se ao processo de adaptação sociocultural, ao enfrentamento de possíveis discursos xenófobos, por parte da sociedade recetora, e dependem de outros para o atendimento às necessidades humanas básicas, como a alimentação, a habitação, a vestimenta, a inserção no mercado de trabalho, a educação e a saúde.

A emergência do cenário de instabilidade política, social, econômica e cultural que afeta principalmente países em desenvolvimento, como Venezuela, Cuba, Haiti, Angola, Nigéria, Senegal, Gana, Guiné-Bissau, Guiné, Mali, República Democrática do Congo, Afeganistão, Bangladesh, Myanmar, explica o dinamismo da migração e do refúgio internacionais. De maneira complementar, citam-se, também, as mais variadas hostilidades, violência e crueldade em relação à população civil na Síria, destituídos de proteção estatal, precedido por amplas e abusivas violações à legislação internacional de direitos humanos.

Nas últimas décadas, os deslocamentos registaram níveis sem precedência. No relatório "Tendências Globais – Deslocamento Forçado em 2019", (*Global Trends*, 2020), da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), divulgado em 18 de junho de 2020, ao todo são 79,5 milhões de pessoas em todo o mundo vivendo nessa condição, ou cerca de 1% da população mundial. Os números são os maiores já registados, quase o dobro de 2010,

-

<sup>&</sup>lt;sup>208)</sup> A palavra "migrante" costuma ser utilizada para designar aquele que se desloca dentro de seu próprio país e também pode ser usada para falar dos deslocamentos internacionais. Alguns especialistas, inclusive, aconselham o uso do termo migrante quando se fala de migrações entre países, por ser abrangente e não simplista (MigraMundo, 2019, p. 10).

<sup>&</sup>lt;sup>209)</sup> Refugiada é a pessoa que foi forçada a deixar seu país de origem e requer "proteção internacional" devido a fundado temor de perseguição e risco de violência caso volte para casa. Isso inclui pessoas que são forçadas a fugir de territórios em guerra. O termo tem suas raízes em instrumentos legais internacionais, notadamente a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951, o Protocolo de 1967 e a Convenção de 1969 da Organização da Unidade Africana (MigraMundo, 2019, p. 19).

quando houve 41,1% milhões de pessoas deslocadas. No Brasil, as migrações internacionais registam um aumento significativo, nos anos 2011 e 2019<sup>210.)</sup>, 239.706 pessoas.

Nesse debate atual sobre a problematização da migração e do deslocamento internacional forçado, o assentimento por parte do país de asilo e práticas de empregabilidade permanecem como necessidades de reconhecimento político para mitigar as experiências de desrespeito pelas quais muitos migrantes e refugiados são submetidos. Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), publicados no segundo semestre do ano 2019, 20% dos migrantes e refugiados no Brasil estão fora do mercado de trabalho. Trata-se praticamente do dobro da taxa nacional de desemprego, que, segundo o IBGE, é de 12% da população economicamente ativa. Entre as pessoas em situação de deslocamento internacional, não ocupadas no ano de 2019, os haitianos igualmente aparecem como o grupo mais significativo, 48,7% (70.304). Enquanto os venezuelanos correspondem a 31,8% (45.940) das pessoas não ocupadas no mesmo ano de 2019.

O acesso e a permanência do migrante e deslocado internacional em situação de refúgio no mercado de trabalho e em atividades de geração de renda, contribuem para a reconstrução de sua vida pós conflito, à integração na sociedade de acolhimento, na garantia da liberdade e formação de um indivíduo autônomo e no reconhecimento da pluralidade cultural. O direito ao mercado de trabalho é um passo primordial para promover uma política de inclusão, que busca soluções efetivas e de longo prazo para famílias deslocadas.

Há, de fato, entre tantas desigualdades em termos de mobilidade, que para os dias atuais tem uma importância ímpar. Há os que são móveis e transitam pelo mundo, habitando vários locais ou mesmo tendo múltiplas residências. O mundo todo os quer, trabalhadores qualificados, pessoas sempre bem-vindas, sem restrições de entradas nos países mais cobiçados. Há, por outro lado, aqueles que o mundo despreza, não quer, não estão autorizados a entrar quiçá n maioria dos países desenvolvidos e abastados, estão presos às suas localidades, às suas misérias e, quando se deslocam, o fazem na contramão da irregularidade e da precariedade (Oliveira, 2017, p. 105).

Diante da vulnerabilidade do migrante e do refugiado à margem da sociedade salarial, as manifestações artísticas e as produções artesanais, assumem espaços de possibilidades aos deslocados internacionais de acesso ao trabalho e a geração autônoma de renda. Além de oportunizar ao deslocado experimentar vivências e descobertas que promovam o autoconhecimento e o desenvolvimento de potencialidades.

Nesse contexto, a ideia de possibilidades de integração econômica, de desenvolvimento humano, a arte e o artesanato ganham também um outro sentido para o descolado internacional: as relações de reconhecimento, uma vez que a criação humana é apreciada por todos e conduz a interações sociais o que assegura o diálogo do migrante e do refugiado com indivíduos do país de acolhimento.

Neste período, as ondas migratórias concentraram-se nas seguintes nacionalidades: haitiana, síria, venezuelana, congolesa e angolana.

A arte possibilita essa igualdade, pois através dela chega-se ao belo, que é apreciado por todas as pessoas, sem distinção de cor, idade, sexo, religião, nacionalidade. A arte não tem fronteiras, e por essa razão, considera-se a maior forma de integração e de desenvolvimento humano, e ela é também um instrumento de ocupação, uma forma terapêutica e de desenvolvimento sociocultural (Weber, 2017, p. 264)

Nas variadas atividades e expressões artísticas e artesanais estão subjacentes conceções de mundo, especificidades e valores culturais, experiências individuais e coletivas, que aparecem como espaços para o migrante internacional viabilizar a geração autônoma de renda e para o reconhecimento multicultural através do diálogo entre o deslocado, a obra com o país de asilo.

Este artigo tem por finalidade propor uma reflexão teórica-metodológica sobre a relevância do tema arte e artesanato como espaços possíveis de inclusão e sobrevivência dos refugiados e dos migrantes internacionais nas comunidades de acolhimento. O artigo também enfatiza que a arte e o artesanato, perpetuam os saberes e o modo de vida do deslocado.

Nesse cenário de pesquisa, os autores Charles Taylor (1994) e Nancy Fraser (2006), são alguns referenciados que permitem aprofundar as reflexões acerca dos desdobramentos do trabalho artesanal e artístico na experiência de migração e refúgio do deslocado no país de asilo. Assim, como as perceções da pintora, desenhista e gravadora brasileira, Mônica Panizza Nador sobre as suas intervenções com outros artistas e moradores do Jardim Miriam, na extrema periferia da cidade de São Paulo, permitem pensar o trabalho manual como uma das estratégias para amenizar as dificuldades na trajetória do migrante.

#### 2. A boneca, a identidade e o reconhecimento

A inserção do migrante e do refugiado internacional no mercado de trabalho constitui um dos grandes conflitos sociais para a integração do deslocado na sociedade de acolhimento. A exclusão frequente é atribuída às discriminações e generalizações contra migrantes e refugiados, à xenofobia, ao racismo, à origem étnica, à religião, ao gênero, à identidade de gênero, à orientação sexual, à dificuldade de validação do diploma e ao idioma. A integração do deslocado nas relações salariais é uma forma valorativa às capacidades individuais e um significado positivo no que se refere a perspetiva de sobrevivência, à qualidade e condução de vida.

Visto que a inserção no mundo do trabalho é uma das maneiras para a autoconfiança, para a perspetiva de geração de renda de forma autônoma e para o reconhecimento da identidade individual e coletiva criada dialogicamente com a sociedade acolhedora, o exercício das atividades artísticas é, de fato, capaz de promover a inclusão social, cultural e econômica de populações migrantes e refugiadas.

Para conhecer a produção artesanal como fonte de renda para o deslocado e a reafirmação de que a arte é essencial para o respeito a pluralidade de identidades culturais, a



entrevista com a migrante<sup>211.)</sup> artesã Renée Ron Londja, constitui-se como parte importante do procedimento metodológico para a escrita do presente artigo.



Figura 47. Bonecas que me representam

Fonte: Página da Renée Ron Londja no Instagram<sup>212.)</sup>



Figura 48. ABI SELE

Fonte: Página da Renée Ron Londja no Instagram<sup>213.)</sup>

Quando criança fui chamada de Abegail pela maioria dos meus amigos de escola tão claramente quando me mudei para o Brasil da Guiana Inglesa em 2011 e comecei a criar bonecos. Fiz um curso gratuito de artesanato e aprendi a fazer bonecas brancas, como todo mundo faz. Um dia quis presentear a filha de uma amiga, que é nigeriana, mas não achei bonecas negras em nenhuma loja de Manaus. Voltei para casa, criei uma e vesti com tecidos africanos. Foi um sucesso. Pensei: vou fazer bonecas que me representam.

Decidi também criar uma boneca que me lembrasse de minhas memórias de infância tanto boas como ruim. Essa foi uma forma de lidar com todas as emoções que vivi quando me mudei para o Brasil e comecei a viver como imigrante, foram muitos momentos de alegria, tristeza, medo, sucesso e deceções. Todas essas são emoções humanas normais que experimentaremos ao longo da vida.

<sup>&</sup>lt;sup>212)</sup> Disponível em: http://www.instagram.com.br/renabesartes.





<sup>&</sup>lt;sup>27]</sup> Renée Ron Londja. Depoimento I [abr. 2021]. Entrevistador: Mônica Peralli Broti. São Paulo, 2021. Google Meet (2h 15m). A entrevista concedida para a pesquisa da escrita do artigo.

Criei uma outra boneca: ABI SELE. É um brinquedo ferramenta que pode ser usado para ensinar as crianças sobre as emoções humanas que certamente irão experimentar à medida que crescem. Acredito que as brincadeiras das crianças podem ser divertidas e educativas e esta boneca com certeza será uma excelente companhia para qualquer criança. O conceito de expressão facial dupla pode ser aplicado a bonecos masculinos ou femininos. As expressões também podem ser adotadas para expressar qualquer emoção (raiva, tristeza, alegria, medo, etc.).

Ser bonequeira é o meu trabalho. Sobrevivo com as minhas bonecas. Quando você chega em um outro país, você precisa pensar que temos dois braços, um para receber a ajuda e o outro para oferecer algo para o outro. Tenho algumas palavras para encorajar outros amigos, amigas, refugiadas e migrantes: nunca desistir. Quando saí do meu país, não conhecia a língua portuguesa, fiquei em casa, não conhecia ninguém, somente meu marido. Quase, quase caí em depressão. Hoje vivo do meu trabalho e nas minhas bonecas encontra as minhas memórias, as memórias da minha infância (Londja).

Para a migrante Renée Ron Londja, a confeção e a venda de peças de artesanato como apresentada no seu depoimento é um exemplo a respeito da relação entre arte, artesanato, memória e acolhimento. As bonecas, assumem a particularidade de se fazerem testemunhas dos desdobramentos de tantos eventos que marcaram o percurso autobiográfico da migrante. Para Renée, o artesanato, contribui, sobretudo, com a possibilidade de reencontrar-se, concretamente, no que foi a própria existência no passado, de identificar-se com alguma coisa própria e de aproximar-se do novo país, sem referências para relembrar o passado distante, de vivenciar outras histórias, de despertar o imaginário, de adquirir habilidades e novas perspetivas.

Os objetos entoam um tempo por si mesmo continuo, criam as fissuras que têm início no momento em que são construídos, passando pelo uso e pela deterioração a que estão sujeitos, até a sua total consumação e morte. Um tempo no tempo, um tempo fechado e limitado em um fluir ininterrupto. Um precioso sinal de reconhecimento de alguma coisa de próprio de próximo, de afim. Uma concretude com que se identificar para não ser esmagado pela angústia em um universo sem referências. Como acontece naqueles momentos especiais da vida em que nos encontramos na obrigação de nos 'raldear' no mundo, na tentativa de reencontrar os limites da própria existência: de manhã, ao abrirmos os olhos, olhamos ao redor para nos reposicionarmos em nosso mundo (Starace, 2015, p. 68).

As produções artística e artesanal têm uma função importante para os deslocados nesse período de ressignificação dos acontecimentos do cotidiano, e no assentimento ou reconhecimento, na medida em que abrem a possibilidade de uma autodescrição, de se referirem ao valor da pluralidade de identidades culturais, das conceções e formas de vida ou modos de crença, como das experiências da privação de direitos, de desrespeito pessoal e de grupos, ou seja, às experiências de reconhecimento recusado. A depreciação de identidade tira do indivíduo a possibilidade de atribuir um valor social às suas próprias capacidades, uma perda de autoestima pessoal.



Segundo Taylor (1994), a exigência pelo reconhecimento do valor e da legitimidade de vivências, crenças e modos de vida estão intimamente relacionados com a afirmação da autoidentidade. A construção da identidade resulta dos modos como o indivíduo integra a sua história, os seus valores culturais, a disponibilidade para decidir sobre as diferenças com todos os outros no âmbito social.

[...] à suposta relação entre reconhecimento e identidade, significando este último termo qualquer coisa como a maneira como uma pessoa se define, como é que as suas características fundamentais fazem dela um ser humano. A tese consiste no facto de a nossa identidade ser formada, em parte, pela existência ou inexistência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento incorrecto dos outros, podendo uma pessoa ou grupo serem realmente prejudicadas, serem alvo de uma verdadeira distorção, se aqueles que os rodeiam refectirem uma imagem limitativa, de inferioridade ou de desprezo por eles mesmos. O não reconhecimento ou o reconhecimento incorreto podem afectar negativamente, podem ser uma forma de agressão, reduzindo a pessoa a uma maneira de ser falsa, distorcida, que a restringe (Taylor, 1994, p. 45).

No entanto, a reivindicação pela igualdade de direitos levantada pelos migrantes e refugiados internacionais pelas instituições públicas permanece como um desafio do multiculturalismo e para a política de reconhecimento nas sociedades democráticas marcadas pela depreciação de identidades individuais ou coletivas. A repulsa ao estrangeiro revela o traço comum a discriminações que incluem, o racismo (no caso de africanos e haitianos), a intolerância religiosa (especialmente entre muçulmanos e seguidores das religiões de matriz africana), e outras referentes à dificuldade com o idioma, imagem estereotipada, procedência nacional, classe social. De acordo com a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, do Ministério Brasileiro da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), foram registadas no país um total de 125.352 denúncias no primeiro semestre de 2019. Os números incluem discriminação racial e étnica (94,62%), religiosa (6,99%) e de origem (1,08%). Em comparação ao mesmo período do ano passado, a ouvidoria aponta um aumento de 19,12% de denúncias.

Por fim, em face da dificuldade a aceitar valores culturais diversos, que lesa o migrante e o refugiado nas possibilidades de seu autorrespeito, e da sua inserção no mercado de trabalho, a manifestação artística, implementa-se como uma busca de soluções efetivas e sustentáveis para o combate à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação.

#### 3. Possibilidades de vidas pelas pinturas murais

Nessa perspetiva da linguagem artística, como um campo de possibilidade de inserção acerca da geração autônoma de renda e do reconhecimento das identidades culturais, o trabalho da pintora, desenhista e gravadora paulista, Mônica Nador<sup>214.)</sup>, no bairro Jardim Miriam, na extrema periferia da zona sudeste da cidade de São Paulo, prejudicado

<sup>&</sup>lt;sup>214,</sup> Estudou artes plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). Entrou no circuito das galerias, dos salões e das exposições em museus. Não se contemplava com as galerias. Buscou na periferia de São Paulo, visitando as primeiras favelas, no Jardim Miriam, na divisa da capital paulista com Diadema uma nova maneira de fazer arte voltada para a transformação social.



pela falta de recursos básicos de sobrevivência, ressalta a perspetiva da autonomia, do engajamento e da liberdade, por meio da experiência de fazer arte.

Mônica Nador, funda no ano de 2004, o JAMAC (Jardim Mirim Arte Clube), um ateliê de arte de encontro de artistas, de intelectuais das mais diversas formações, de universitários e de moradores locais para atividades arte-educativas. No ateliê caracterizado por pinturas murais realizadas em diversas comunidades onde a artista e sua equipe de arte-educadores ensinam aos moradores locais a técnica de pintura com estêncil (máscaras de papel que permitem pintura seriada) partindo do desenho de cada participante. Os moradores trazem os seus repertórios e registam as suas referências imagéticas nos muros.

O JAMAC é um espaço de convivência cotidiana, coletiva e social, de atuação e de cooperação com a comunidade e de transformação sócio cultural, com as diversas práticas artísticas de Nador em parceria com moradores. No bairro Jardim Miriam, a população está exposta a maior grau de vulnerabilidade, a iniciativa da artista Mônica Nador, considerando suas ações de arte-educação, possibilita a experiência do reconhecimento, a do autorrespeito e da autoestima.

A importância da acessibilidade cultural para populações marginalizadas resulta do reconhecimento da cultura como valor para os setores desfavorecidos, a chave para o tema de identidade coletiva e autoestima (...]. E, nesse sentido, inclusão cultural é considerada como acesso a uma visão pluralista da cultura e das artes. Acessibilidade cultural objetivando a formação de capital cultural valioso na construção das identidades. (Costa & Rizzi, 2018, in Wilder, 2009, p. 25).

A artista Mônica Nador, considera às expressões individuais dos moradores bairro Jardim Miriam, manifestadas por meio da arte. O JAMAC aponta para a possibilidade de emancipação, de autonomia e de transformação para uma comunidade exposta a situação de desvalorização permanente perante as políticas públicas. "Você vê a transformação ocorrendo na pessoa" (Nador in Cypriano, 2017, s/p.). Entre as ações artísticas, Paredes Pinturas, desenvolvido pela artista desde 1996, quando Nador abandonou gradualmente a pintura em suportes tradicionais para dedicar-se à realização de grandes pinturas em paredes de casas e muros na periferia, envolvendo a população local, ela sensibiliza e distribui conhecimento e provoca experiências visuais. "Vai ser um desenho meu, todo mundo vai ver! Assim a gente se sente melhor, mais aliviada. A casa bem pintadinha, do jeito que a gente escolheu!" (Rivitti, 2012, p. 16), momentos de euforia na rua que virou museu.

Assim como as pinturas, produzidas pela população da periferia da cidade de São Paulo, ou as bonecas confecionadas pela migrante artesã Renée Ron Londja, permitem aos indivíduos nacionais ou estrangeiros elaborarem seu mundo interior, e, interpretarem de modo indissoluvelmente ligado, suas relações com o mundo exterior. A linguagem artística, expressa o que existe de importante para o sujeito. A arte e o artesanato assumem espaços de acolhimento, de respeito e de valoração do indivíduo e suas formas de viver. Torna-se, também espaço de administração de recursos, a partir da possibilidade de geração autônoma de renda.





Figura 49. Paredes Pinturas

Fonte: ArteVersa<sup>215.)</sup>

O reconhecimento da pluralidade de identidades culturais fundase e afirma-se pelo respeito a diversidade humana. O respeito às especificidades culturais, acesso à iqualdade de oportunidades e recursos, é a forma mais elementar da confiança em si mesmo. No Brasil, país marcado por desigualdades profundas, onde é patente as condições precárias para moradores nacionais da periferia de grandes cidades e para migrantes e refugiados internacionais no acesso mundo do trabalho, a arte coloca-se sob a perspetiva de inserção na geração de renda. Para Fraser (2006), no cenário político contemporâneo, a redistribuição da renda, o acesso aos rendimentos financeiros, são es-

senciais para pensar a autonomia, pensar a liberdade, pensar a emancipação do indivíduo. Em muitas das frentes das lutas por reconhecimento, a exigência pela valoração dos modos de vidas diversas, deve integrar-se a redistribuição material para sanar as injustiças sociais existentes.

O remédio para a injustiça econômica é alguma espécie de reestruturação político-econômica. Pode envolver redistribuição de renda, reorganização da divisão do trabalho, controles democráticos do investimento ou a transformação de outras estruturas econômicas básicas. [...] O remédio para a injustiça cultural, em contraste, é alguma espécie de mudança cultural ou simbólica. Pode envolver a revalorização das identidades desrespeitadas e dos produtos culturais dos grupos difamados. Pode envolver, também, o reconhecimento e a valorização positiva da diversidade cultural (Fraser, 2006, p. 232).

Em conjunto, o reconhecimento das especificidades culturais e inquirir as condições mais substantivas no acesso à igualdade de oportunidades é o que possibilita a gestão cotidiana da vida de brasileiros marginalizados, migrantes e refugiados estrangeiros. A expressão artística como espaço de inclusão, não irá reparar o mundo das desigualdades ou da violência da miséria. Mas ela contribui, para que o indivíduo se inclua em um cenário de direitos e de respeito à singularidade para além de experiências de denegação e de posições sociais estereotipadas.

<sup>&</sup>lt;sup>215.)</sup> 1 Disponível em: https://www.ufrgs.br/arteversa.



## Considerações finais

Colocar a linguagem artística e a produção artesanal como espaços de acolhimento, de reconhecimento da pluralidade de identidades culturais e de geração autônoma de renda define a relevância da cultura para as principais vítimas do desemprego e da precariedade do emprego, dos conflitos armados, das perseguições relacionadas às questões de raça, religião, gênero e de ideologias políticas. A possibilidade de compreender a cultura como expressão da subjetividade, do respeito e do valor as pessoas e suas formas de viver. Compreender que por meio da arte, o indivíduo pode estar mais preparado para resistir aos processos de marginalização. Entender que a arte, não irá reparar a persistência de limites à igualdade de oportunidades, mas que ela ajuda o sujeito a se construir, a imaginar outras perspetivas, a sonhar e a lutar por um mundo que o legitima.

As bonecas artesanais da migrante Renée Ron Londja estabelecida no Brasil e as pinturas feitas nos muros das casas do bairro Jardim Miriam, região periférica da cidade de São Paulo, desenvolvidas por Mônica Nador em parceria com os moradores locais, expressam modos de vida, identidades singulares, especificidades culturais, melhoria da renda por meio do aumento e da qualificação da produção e, sobretudo, promovem o reposicionamento do indivíduo nacional ou estrangeiro na sociedade e a consciência de sua própria capacidade criativa.



## Referências Bibliográficas

- ACNUR. (2021). Relatório global do ACNUR revela deslocamento forçado de 1% da humanidade. UNHCR – ACNUR Agência da ONU para Refugiados. https://acnur.org/portugues/2020/06/18/ relatório-global-do-acnur-revela-deslocamento-forcado-de-1-da-humanidade.
- Costa, T.L. da, & Rizzi, M.C. de S.L. (2018). Territórios inclusivos e produção de cuidado nas ações de arte/arte-educação do projeto JAMAC/MONICA NADOR. In L. Paraguai & M. T. Sogabe (Coords.). Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. (pp. 3425-3534). São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- Cypriano, F. (2017, Outubro 28). Com Mônica Nador, todo mundo é artista. Arte! Brasileiros. https://artebrasileiros.com.br/arte/com-monica-nador-todo-mundo-e-artis-ta/.
- Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. (2019). Aumento de 19,12% no número de denúncias. *Governo Federal gov.br.* https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/novembro/aumento-de-19-12-no-numero-de-de-nuncias>.
- Nancy, F. (2006). Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-so-cialista". Revista Cadernos de Campo USP, 14/15, 231-239.
- Oliveira, A.C.de. (2017). Uma questão de identidade! Migrações e pertencimento na dinâmica do mundo globalizado. *Revista USP*, 114(julho/agosto/setembro), 91-108.
- PPresidência da República. (2020, dezembro 17). Lançado relatório sobre imigração e refúgio no Brasil. Presidência da República. Gov.br. https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/dezembro/lancado-relatorios-sobre-imigracao-e-refugio-no-brasil.
- Rivitti, T. (2012). JAMAC. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.
- Taylor, C. (1994). Multiculturalismo. Chelas: Instituto Piaget.
- Westin, R. (2019, outubro 14). Por preconceito e desinformação, empresas evitam contratar refugiados. *Agência Senado. Gov.br.* https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/por-preconceito-e-desinformacao-empresas-evitam-contratar-refugiados.



